



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MIKAELLE ANISIO LOPES

**AÇÕES PEDAGÓGICAS DO CENTRO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INCLUSÃO –
CEI NA CIDADE DE AROEIRAS - PB**

**CAMPINA GRANDE
2023**

MIKAELLE ANISIO LOPES

**AÇÕES PEDAGÓGICAS DO CENTRO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INCLUSÃO –
CEI NA CIDADE DE AROEIRAS - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L864a Lopes, Mikaelle Anisio.
As ações pedagógicas do Centro de Especialização em
Inclusão - CEI na cidade de Aroeiras-PB [manuscrito] /
Mikaelle Anisio Lopes. - 2023.
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação inclusiva. 2. Atendimento especializado. 3.
Ações pedagógicas. I. Título

21. ed. CDD 370.115

MIKAELLE ANISIO LOPES


AÇÕES PEDAGÓGICAS DO CENTRO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INCLUSÃO – CEI NA CIDADE
DE AROEIRAS

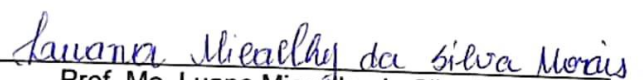
Trabalho de Conclusão de Curso ou
Dissertação apresentada ao
Programa de Graduação em
Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduada em
Pedagogia.

Área de concentração: Educação
Especial.

Aprovada em: 06/07/2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Luana Micaelhy da Silva Morais
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Claudia Margarita Orozco Rodriguez
Universidade de Guadalajara - México

Ao autor da minha vida que tem cuidado de mim. DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me sustentado até aqui, e em segundo lugar quero externar minha gratidão a minha família por ter me acompanhando durante essa trajetória ficando do meu lado em todos os momentos, principalmente, aos meus pais que me incentivaram a não desistir do meu sonho em ser graduada em pedagogia.

A minha prima e aluna Maria Vitoria, que foi através dela que me encantei pela educação especial, por ela ser uma criança encantadora mesmo tendo suas limitações, mostrou que a deficiência não é o obstáculo para impedir dela poder sorrir.

Ao professor Eduardo Onofre pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação em me acompanhar e ter me ajudado até aqui.

A minha amiga Areza (in memoriam), embora fisicamente ausente, mas pode sentir sua presença de uma certa forma, me encorajando a permanecer em meus estudos, sempre será lembrada.

À Amanda Vanuza, por ter me apresentado o NAI, e ter acreditado no meu potencial e por toda dedicação durante o período de extensão e toda a equipe que se fez presente nos dois anos que passei.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Porque eu sei que o meu Redentor vive e
por fim se levantará sobre a terra. Jó 19:25
– Bíblia Sagrada

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal descrever as ações pedagógicas, para as crianças e adolescentes que têm alguma deficiência intelectual, distúrbio ou transtorno de aprendizagem, desenvolvidas no Centro de Especialização e Inclusão - CEI na cidade de Aroeiras, Paraíba. Para tanto, utilizamos uma pesquisa qualitativa semi estruturada como instrumento metodológico, aplicamos uma entrevista. Participaram deste estudo uma gestora e uma pedagoga do mencionado centro educacional. O trabalho de campo foi realizado em março de 2023. Os resultados indicaram que os trabalhos com materiais concretos e a participação da família favorecem o processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência, transtornos ou distúrbios de aprendizagem. Concluímos que o Centro de Especialização e Inclusão vem executando um papel importante para o desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, contribuindo com a política de inclusão da cidade de Aroeiras, Paraíba.

Palavras-Chave: Educação Inclusiva; Atendimento Especializado; Ações Pedagógicas.

ABSTRACT

The present work has as main objective to discuss the pedagogical actions, for children and adolescents who have some intellectual disability, disorder or learning disorder, developed at the Center for Specialization and Inclusion - CEI in the city of Aroeiras, Paraíba. For that, we used a qualitative research. As a methodological instrument, we applied an interview. A manager and a pedagogue from the aforementioned educational center participated in this study. Fieldwork was carried out in March 2023. The results indicated that work with concrete materials, storytelling and family participation favors the teaching-learning process of students with disabilities, disorders or learning disorders. We conclude that the Specialization and Inclusion Center has been playing an important role in the development of students with special educational needs, contributing to the inclusion policy of the city of Aroeiras, Paraíba.

Keywords: Inclusive e education; Specialized Service; Pedagogical actions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – IBC	17
Figura 2 – INES.....	18

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

.

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEI	Centro de Especialização em Inclusão
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
IBC	Instituto Benjamin Constant
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	13
2.1	Educação Especial no Brasil: primeiros passos	13
2.2	Estratégias Pedagógicas na Educação Especial na Perspectiva Inclusiva	16
3	METODOLOGIA	21
3.1	Tipo de pesquisa	21
3.2	Estrutura da pesquisa	21
3.3	Participantes e cenário da pesquisa	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
5	CONCLUSÃO	31
	REFERÊNCIAS	32
	APÊNDICE	34

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste discutir as ações pedagógicas desenvolvidas no Centro de Especialização em Inclusão – CEI, em Aroeiras, Paraíba. As crianças e jovens atendidos no referido centro são diagnosticadas com algum tipo de deficiência, distúrbios ou transtornos de aprendizagem. Essas crianças e jovens passam por acompanhamento com profissionais especializados para que seja observado o seu desenvolvimento. O Centro de Especialização em Inclusão faz parceria com a escola regular no Município de Aroeiras, PB.

A princípio, salientamos que a presente pesquisa foi inspirada no momento que a sua autora participou, ativamente como bolsista, do projeto de extensão intitulado “O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – NAI - da UEPB em foco”. Esse projeto tinha como objetivo principal promover acessibilidade e inclusão de docentes e discentes com demandas e necessidades educacionais especiais. O mencionado projeto era coordenado pela servidora da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Amanda Vanuza Sena.

Salientamos que o projeto do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI está associado ao projeto internacional intitulado SOLIDARES que tem como foco principal desenvolver uma educação inclusiva nas Instituições de Ensino Superior – IES. Esse projeto tinha como coordenação geral o Departamento de Educação da Universidade de Sevilha, Espanha.

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UEPB é coordenado pelo servidor Alindenbergue de Araújo que é técnico administrativo participante do projeto. Esse núcleo tem como foco principal atender as necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiência ou transtornos matriculados na referida universidade.

Face aos primeiros passos de uma educação inclusiva, sublinhamos que na década de 90 ocorreu a Conferência Mundial de Educação Especial organizada pelo governo da Espanha, em parceria com a UNESCO. Essa conferência foi realizada em Salamanca, Espanha, no período de 7 e 10 de junho de 1994. As discussões realizadas na referida conferência implementaram a Declaração de Salamanca sobre princípios, política e prática em Educação Especial.

Apesar dos avanços nas legislações brasileira referente à educação inclusiva, as escolas brasileiras se encontraram com desafios em seu currículo, alguns delas

enfrentam a falta de estrutura, a forte presença de preconceito e o déficit de profissionais, assim como, se percebe muitos equívocos teóricos e nas práticas pedagógicas desenvolvidas para os alunos com deficiência. Há uma necessidade de mudanças no novo currículo com uma formação contínua que esteja alinhada com o pensamento pedagógico para que possa acolher a todos, indistintamente em ambientes educacionais inclusivos. Esses serviços precisam trabalhar o reconhecimento das diferenças, buscando valorizar as condições plena de cidadania de cada pessoa.

A educação inclusiva foi um direito garantido a todos educandos com algum tipo de deficiência (intelectual, física, auditiva, visual ou múltipla) transtorno do Espectro Autista (TEA) ou altas habilidades. A educação inclusiva esteve nas propostas do Plano Nacional de Educação, de 2008, o qual garante a realização de serviços e recursos para auxiliar pedagogicamente o corpo discente com deficiência, TEA ou altas habilidades matriculados no ensino regular com atividades que são desenvolvidas nas Salas de Recursos Multifuncionais – SRM. Nestas salas são desenvolvidos o Atendimento Educacional Especial - AEE.

Diante do contexto apresentado, o tema desse projeto está relacionado às ações pedagógicas desenvolvidas no Centro de Especialização em Inclusão (CEI) na cidade de Aroeiras, PB. Essas ações são muito importantes para a educação do referido município, haja vista, uma sobrecarga na demanda de crianças e adolescentes para serem atendidas na escola regular. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas no Instituto Centro Especializado em Inclusão (CEI), situado na cidade de Aroeiras, Paraíba. Como objetivos específicos, temos: Traçar o perfil sócio econômico e estudantil dos alunos atendidos no CEI; Identificar o processo de ensino-aprendizagem realizado nas salas pedagógicas do CEI; Discutir os recursos pedagógicos utilizados no CEI.

Embora esse tema seja muito relevante em nosso cenário atual, até o momento foram encontradas poucas investigações que discutam as ações pedagógicas desenvolvidas em centros especializados para pessoas com deficiência ou transtornos.

Dessa forma, o presente trabalho está dividido na introdução, fundamentação teórica, metodologia, apresentação e discussão dos resultados e considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Especial no Brasil: primeiros passos

Durante séculos, as pessoas com deficiências foram consideradas seres à margem dos grupos sociais, sendo vistos como pessoas inúteis. Na Antiguidade (1.500 a. C a 476), as pessoas com deficiência sofriam perseguições e viviam em situações de desprezo, devido suas condições físicas e intelectuais. Com o passar do tempo, surge o período da Idade Média que foi entre 476 a 1453. Após a queda do Império Romano, marco do início da Idade Média, o reconhecimento das pessoas que necessitavam de um olhar cuidadoso ainda não era considerado. Nesta época as pessoas com deficiência ainda eram exterminadas ou segregadas. Dando continuidade ao processo de desenvolvimento, a Idade Moderna chega trazendo o capitalismo como marco histórico para a humanidade, nesse momento se inicia a investigação da ciência em busca de descobrir as especificidades das deficiências que uma pessoa podia apresentar ao nascer, no entanto, havia uma persistência da visão patológica, pois qualquer criança que nascesse e apresentasse uma malformação, estaria sujeito a viver em situação de desprezo e exclusão de seu próprio grupo.

Ao final do século XIX, se iniciou o desenvolvimento de escolas especiais em conjunto com as escolas públicas que buscavam oferecer às pessoas com deficiência um apoio para o seu desenvolvimento. O período atual é marcado pelo movimento inclusivo o qual aconteceu de forma mundial. Esse novo caminho tinha como tese aproximar o sujeito excluído da sociedade para se tornar incluído entre o contexto o qual se faz parte. Para Araújo e Maués (2013, p.93):

A educação inclusiva para se tornar direito de todos, teve um procedimento de etapas, ela começa a ser convertida de sociedade humana para uma educação de bem de elite, o qual, posteriormente, sofre uma modificação de classe média urbana para se concretizar em necessidade de todos. Essas mudanças foram concebidas através das lutas das pessoas com deficiência, seus pais ou responsáveis e de associações.

Mazzotta (1996) afirma que no Brasil, a partir do século XIX se iniciou serviços de atendimentos às pessoas surdas, cegas e com deficiência intelectual ou física, os quais partiram de experiências vivenciadas na Europa e nos Estados Unidos que acabaram sendo implantadas no Brasil. No entanto, esse serviço de apoio não

condizia com a política educacional, pois se tratava de um atendimento realizado através de oficinas de nível particular que eram determinadas para um grupo de pessoas sendo gerenciado de forma isolada.

Dentro dessa forma educacional, surgiu o Instituto Imperial dos Meninos Cegos, criado por Dom Pedro II, no estado do Rio de Janeiro em 1854, o qual mais tarde em 1890 recebeu o nome de Instituto Nacional dos Cegos e logo em seguida foi definido por Instituto Benjamin Constant (IBC).

Imagem 1: IBC



Fonte: www.ibc.gov.br

O Instituto Imperial de Mudos-Surdos, fundado também por Dom Pedro II, na cidade de Rio de Janeiro no dia 26 de setembro de 1857, em seguida, se denominou como Instituto Nacional de Educação de Surdo (INES).

Imagem 2 - INES



Fonte: www.ines.gov.br

Os institutos tinham como finalidade direcionar os meninos e meninas para desempenhar oficinas que eram analisadas como ofícios de aprendizagem, tais metodologias estavam voltadas para o ensino de tipografia e encadernação para os meninos cegos, e para as meninas tricô e sapataria. Já os meninos surdos, com idade entre 7 e 14 anos, tinham como aprendizagem oficinas de encadernação, pautação e douração (MAZZOTTA, 1996). A formação desses alunos era pautada para a área profissional, onde se usavam as práticas desenvolvidas para o trabalho manual.

As nomenclaturas utilizadas para se referirem às pessoas com deficiência são marcadas pelo preconceito e discriminação que, segundo Oliveira (2005) reconhece uma prática de inferioridade, que tem como referencial um grupo social considerado “normal”. Apesar das novas leis e medidas protetivas que proíbe tais discriminações, ainda é predominante tais práticas diante a sociedade.

O atendimento a pessoas com deficiência só começou a ser reconhecido pelo o Governo Federal a partir de 1957 através de campanhas. No entanto, esses movimentos consolidaram com muitos desfalques dentro das demandas educacionais para a população. Dentro dessa perspectiva que a sociedade estava percorrendo, surgiram movimentos que tinham como metas lutar pelos direitos humanos. Sendo assim, a educação especial se consolidou por meio das leis nº 4.024/61 e nº 5.692/71 onde se dedicou um capítulo a educação que garantisse direitos e deveres apropriados para cada sujeito independente de sua necessidade LDBs (1961-1971).

Diante disso, as escolas determinaram, por meio de um termo classificatório, que os alunos deveriam ser inseridos na escola especial, realizando assim, um modelo educacional excludente que permitia o isolamento de alunos em sala considerada especiais. Segundo Kassar (1995) o termo especial leva em sua subjetividade um sentido de encobrir as desigualdades sociais, pois o próprio se associa ao uso de discriminação. Portanto, fica claro que o modelo pré determinado pelo governo tinha o objetivo de separar e classificar os considerados “normais” dos “anormais” para que não se misturassem.

Já a partir dos anos 90 com a renovação nas políticas, é implantada uma educação que busca alcançar a todos. Esse movimento de educação para todos foi conquistado através de lutas pelo ensino público e gratuito que inclui todos os sujeitos de diferentes raças, classes e etnias. Segundo Freire (2001) a educação para a classe popular vem sendo reduzida, pois a elite que possui influência na política acredita ser

desnecessário a população adquirir conhecimento e ser seres ativos na produção de saberes. A educação é observada como ferramenta de uso que estabelece uma relação com o exercer um exercício de cidadania, que envolve questões políticas, partindo de uma problemática de ética.

Na visão de Dussel (2000), os sujeitos não designado ao sistema capitalista são os não-cidadãos, que são vistos como pessoas negadas de exercer seus direitos como um cidadão. Sendo assim, ser cidadão significa ser sujeito vivente, que é capaz de produzir, reproduzir e desenvolver sua vida, como participante simetricamente da vida em comunidade.

Oliveira (2015) ressalta que os debates ocorriam em torno da pessoa com deficiência que era excluído de um ensino de qualidade onde todos os cidadãos estariam sujeitos a ter direitos de estudar. Pois, as sociedades dominantes culpavam as crianças com deficiência ao fracasso escolar ao dizer que esse fracasso estava relacionado a fatores biológicos e sociais que influenciam a aprendizagem. Diante disso, começa a buscar incluir nas classes comuns, para que haja uma superação da dicotomia existente entre o ensino especial e o comum.

A política da educação inclusiva defende uma escola que seja adaptada para receber os alunos e não o inverso, a escola precisa está presente para a necessidade do aluno se adequando às diversidades de cultura que serão inseridas por cada pessoa, como afirma Mantoan (2003, p.08).

É a escola que tem de mudar, e não os alunos, para terem direito a ela! O direito à educação é indispensável e, por ser um direito natural, não faço acordos quando me proponho a lutar por uma escola para todos, sem discriminações, sem ensino à parte para os mais e para os menos privilegiados.

No entanto, essa mudança não apenas está vinculada a infraestrutura da instituição, mas está inserida na organização do corpo docente que faz parte da escola. Assim, é necessário rever as propostas curriculares para haver uma nova modelagem que insira o ensino inclusivo viabilizando a aprendizagem de forma democrática para todos.

2.2 Estratégias Pedagógicas na Educação Especial na Perspectiva Inclusiva

Atualmente, no Brasil a atenção às minorias tem se estabelecido de modo mais notável nos últimos anos, com o objetivo de reduzir a exclusão social de investir em uma

qualidade de vida acessível a todos. A dedicação na educação para jovens e crianças, inclui suas condições físicas, psicológicas, psicossociais e étnico culturais, de certo é a razão para produzir mudanças que sejam significativas as condições de vida da raça humana.

Sendo assim, fica claro que toda a diversidade relacionada à aprendizagem independentemente de ser de forma direta ou indiretamente reflete no contexto escolar, o qual é representado pela a classe de estudantes que com suas variadas características vivem em contato um com o outro. No entanto, se constituiu uma grande dificuldade a ser enfrentada pela escola, em seu esforço de arquitetar uma educação inclusiva. Pois, os discursos recorrentes a inclusão envolve a ideia de que tentativas necessitam ser feitas pela a escolar para movimentar toda uma ordem de adaptações em infraestrutura, e instrumentos curriculares que sirvam para permitir condições seguras aos alunos com deficiência.

Oliveira e Leite (2000) afirmam que para ser introduzido um novo paradigma na educação é necessário que a diversidade seja incluída se fazendo obrigatório mudanças no habito escolar, na sua organização, no oferecimento de apoio de órgãos específicos para dá suporte a professores e alunos, além de disponibilizar recursos pedagógicos que sirvam para o desenvolvimento da aprendizagem. Assim, se faz necessário modificações nas ações desenvolvidas dentro da instituição escolar, isso inclui a alterações na estrutura e adaptações arquitetônicas, além de preparação da equipe que faz parte do quadro de funcionários. Segundo, o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). “Trata-se de considerar o cuidado no sentido profundo do que seja acolhimento de todos – crianças, adolescentes, jovens e adultos– com respeito e, com atenção adequada, de estudantes com deficiência” (BRASIL, 2009, p.17).

Nesse sentido, se torna obrigatório a participação de forma ativa de alunos com deficiência em ações pedagógicas que são desenvolvidas na instituição escolar. O currículo educacional assegura a realização dessas mudanças no meio educacional recorrente e significativa, pois se considerada tais modificações “fáceis” de se realizar, no entanto, o plano de ensino realizado pelo professor, na maioria das vezes se torna difícil de ser executado, pois se falta um conhecimento de quais estratégias se utilizar na sua sala de aula. Portanto, é necessário que ocorra a atuação de um currículo flexível a todos, que seja preciso adaptações nas competências políticas administrativas.

Autores soviéticos como Vigotski, Leontiev e Luria são reconhecidos pela sua forte representação no mundo teórico desde o século XX. Eles revelam criticas diante

do ensinamento direcionado aos alunos com deficiência que é adquirido pelas as instituições escolares, pois suas ideias fogem de procurar desenvolver as funções psicológicas superiores. Porém, o que se encontra é um ensino fragmentado que enfatiza ações pedagógicas alinhada a recursos concretos voltado ao ensino da pré escola, por acreditar, que a deficiência possibilita dificuldades cognitivas impedindo seu desenvolvimento, causando assim, uma infantilização na sua evolução.

Em relação à decorrência dessa visão fragmentada, o modelo de currículo pedagógico, trás poucas ações de trabalhar o desenvolvimento do pensamento abstrato. É fato destacar que, uma escola de princípios inclusivos deve procurar formas de se adaptar ao currículo com propostas que não se fundamente nas dificuldades acadêmicas dos alunos, mas, que busque elevar o pensamento. Pois, os alunos com deficiência intelectual, não alcançaram nenhum progresso no pensamento abstrato se não forem executados de forma correta, conforme ressalta Vigotski (1997) em seus estudos sobre a defectologia.

O desempenho educativo possibilita a transmissão de herança cultural, que significa o conhecimento gerado por gerações que é repassado, dando a continuidade na evolução da humanidade, como ressalta Leontiev (1978, p. 267) “o movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com educação”.

Desde o surgimento da informática, na década de 1830 que chegou através do computador criado para a necessidade de fazer cálculos rápidos, essa ferramenta vem sendo cada vez mais presente em nosso cotidiano, usada como apetrecho para o desenvolvimento da sociedade. Na educação não é diferente, a informática tem se tornado um produto de acesso fácil desde que a pandemia se fez presente, esse recurso se tornou acessível a todos, quando a educação ficou desnorтеada sem saber como vivenciar o progresso de seus alunos, e a informática trouxe programas específicos para os educadores e educandos estarem em contanto, mesmo sendo à distância.

Segundo Magalhães e Coelho (2007) a tecnologia tem proporcionado recursos digitais que auxilie o desenvolvimento físico e cognitivo dos alunos, permitindo o a inclusão de todos independente de suas condições uma das ferramentas relatada pelo o autor é o caderno eletrônico que dar suporte de abranger a qualquer sujeito que apresentar alguma deficiência.

[...] o caderno eletrônico para o deficiente físico, um meio que o surdo pode usar para estabelecer relações entre o fazer e os conceitos utilizados nestas ações, um instrumento que integra diferentes representações de um determinado conhecimento pra o deficiente visual, o mediador de interação da criança autista e o mundo, um objeto de desafios para a criança deficiente mental e, o recurso com a qual a criança carente pode realizar-se e participar efetivamente de atividades socioculturais significativas. (MAGALHÃES & COELHO, 2007, p. 70).

Entretanto, para que aconteça um uso corretamente desses equipamentos disponibilizados pelos os meios digitais, se faz necessário a profissionalismo dos professores. A Resolução CNE / CEB 02/2001 aborda que os professores especializados precisa ser licenciado em Educação Especial, ou que tem feito uma formação em seus estudos complementares dentro da área que trata-se da Educação Especial, conforme é enfocado no art.18 da normativa:

§ 1º São considerados professores capacitados para a atuar em classes comuns com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais aqueles que comprovem que em sua formação, de nível médio ou superior, foram incluídos conteúdos sobre educação especial adequados desenvolvimento competências e valores para: I pedagógica nas diferentes áreas de conhecimento de modo adequado as necessidades especiais de aprendizagem; III – avaliar continuamente a eficácia do processo educativo para atendimento de necessidades educacionais especiais; IV – atuar em equipe, inclusive com professores especializados em educação especial. (BRASIL, 2001^a, s/p).

Em uma breve análise sintética das normativas citadas, observa que a formação ocorre de duas formas diferentes, uma é dirigida para o grupo de professores que tenha especialização em Educação Especial e que sejam específicos dessa área e outra para os professores de sala comuns, que é direcionado a uma capacitação para atuarem com os alunos que demostre alguma deficiência. No entanto, mesmo havendo projetos e cursos que proporcione um ensino de qualidade, sabemos que poucas são as ações desenvolvidas na prática pelo os docentes, por não ocorrer debates técnicos – acadêmicos que assegure a reflexão voltada para mudanças posteriormente na prática pedagógica.

Compreendemos que a formação continuada dos educandos é uma das estratégias pedagógicas que pode aproximar mudanças na metodologia, todavia, esse fenômeno não precisa ser feito de forma isolada e segmentada, no entanto é necessário ocorrer juntamente no exercício da prática profissional, se possível no habitat do seu próprio trabalho para que, seja verificado os detalhes e defeitos que precisam ser corrigidos, além de se fazer ligação do conhecimento através da

realização de experiências vivenciadas diariamente na escola. Segundo, Giovanni e Monteiro (2000) destacam que as práticas pedagógicas precisam partir da observação de circunstâncias concretas, que são vivenciadas durante o cotidiano escolar, para que se consiga traçar caminhos e metas, com o objetivo de alcançar alternativas diferentes da ideia comum e generalizada que infelizmente é implantada no sistema educacional.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

O presente trabalho consiste em uma pesquisa de perfil qualitativa no tocante aos resultados obtidos através da observação participativa das entrevistadas. Essa pesquisa se trata de analisar as ações pedagógicas que são utilizadas com os alunos que são diagnosticados com distúrbios ou transtorno de aprendizagem. Segundo Delauriers (1991) o pesquisador coleta dados que parte de natureza descritiva, que levará a observar a fala dos profissionais, a rotina e organização do espaço utilizado. No entanto, essa análise nem sempre acompanha uma ordem cronológica, pois precisa de um olhar do pesquisador para o objeto que está em análise. Para May (2001), a investigação participativa é: “O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo.” (p.177). Portanto, a investigação participativa exerce um trabalho mais delimitado o qual procura conhecer e estudar o sujeito da pesquisa.

3.2 Estrutura da Pesquisa

Para compreender as ações desenvolvidas, no referido centro, foi realizado uma entrevista semi estruturada (ver apêndice) que acompanhou um roteiro brevemente pautado em perguntas direcionadas ao pedagogo e a gestora. Foram feitas 10 perguntas a docente e 8 a gestora. Foi utilizado esse modelo de entrevista pela nitidez dos resultados obtidos. De acordo com Goode e Hatt (1969) a entrevista é uma ferramenta de uso focalizado, que proporciona agregar informações válidas e concretas para a verificação do objeto, é uma conversação que se ocorrer face a face tendo uma postura metódica. Sendo assim, segue abaixo as perguntas referentes à entrevista feitas a pedagoga e gestora.

A entrevista aconteceu em dois momentos diferentes e ocorreu uma conversa antes com as profissionais, salientando que os dados de identificação pessoal seriam apenas anotados pela observadora. No entanto, a entrevista sobre o centro e as ações pedagógicas, seria gravada e transcrita.

A primeira parte aborda perguntas que têm como objetivo informar brevemente o perfil profissional das entrevistadas, entender os motivos que levaram a seguir à docência e trabalhar especificamente com o centro de inclusão.

As questões pertencentes ao bloco dois abordam perguntas direcionadas ao público-alvo do centro, as ações desenvolvidas pelos pedagogos e a metodologia utilizada para o trabalho que acontece no centro de inclusão.

Já as questões da terceira parte enfoca o perfil do centro de especialização e inclusão, mostrando o contexto histórico da instituição além de trazer a conhecimento as metas e objetivos do centro. Nesse bloco, também foi ressaltado o número exato de matriculados, além das secretarias municipais que fazem parte da rede de apoio da instituição.

3.3 Participante e Cenário da pesquisa

A pedagoga entrevistada faz parte do centro de especialização e inclusão o CEI no Município de Aroeiras/PB na data 11/05/2023 a qual se fez presente na data, ela será chamada de educadora durante a pesquisa. A própria possui 39 anos de idade, leciona a cerca 7 anos, sendo 1 ano no centro de inclusão em Aroeiras/PB. Possui formação em pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) além de ser pós-graduada em Educação Infantil; Psicopedagogia; Intervenção em ABA para autismo e atualmente está cursando AEE.

A segunda entrevistada foi a gestora do centro de inclusão, a qual tem curso de pedagogia e atua no centro já faz 1 ano, possui 37 anos de idade.

A entrevista ocorreu na própria sala onde a educadora desenvolve as ações pedagógicas e teve duração de 18 minutos.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na análise dos dados foram abordados os trechos das entrevistas de acordo como foi explicado na metodologia e para ser apresentado será utilizado como pilar as referências teóricas exploradas no início da pesquisa. Sendo assim, foi observado as respostas ditas pela docente entrevistada, sobre os temas em destaque.

Apresentaremos os resultados e discussões que ocorreram de forma separadamente por parágrafos.

Os centros de inclusão são órgãos que buscam garantir uma educação de qualidade onde seu objetivo é auxiliar o trabalho do professor na sala de aula para uma melhor aprendizagem de alunos com deficiência. Diante disso, foram analisadas algumas perguntas sobre o perfil dos alunos que eram atendidos pelo centro.

Fala da educadora sobre a pergunta: Qual o perfil clínico desses alunos?

O perfil daqui são crianças que tem transtornos, é dificuldades por exemplo crianças com dislexia, disgrafia, disortografia, discalculia a criança com TDAH, com autismo, com deficiência intelectual, que é o DI? É esse basicamente nosso público que atendemos.(Educadora)

O perfil se trata de crianças e adolescentes que têm alguma deficiência intelectual ou transtorno na aprendizagem, e o centro atua com o papel de trabalhar a aprendizagem desse público. Segundo a Convenção dos direitos da criança assegura os direitos para com as pessoas que possui algum tipo de deficiência ou transtorno, no artigo 23 diz:

Atendendo às necessidades particulares da criança deficiente, a assistência fornecida nos termos do n.º 2 será gratuita sempre que tal seja possível, atendendo aos recursos financeiros dos pais ou daqueles que tiverem a criança a seu cargo, e é concebida de maneira a que a criança deficiente tenha efetivo acesso à educação, à for 16 Crianças deficientes A criança deficiente tem direito a cuidados especiais, educação e formação adequados que lhe permitam ter uma vida plena e decente, em condições de dignidade, e atingir o maior grau de autonomia e integração social possível. Direitos, aos cuidados de saúde, à reabilitação, à preparação para o emprego e a atividades recreativas, e beneficie desses serviços de forma a assegurar uma integração social tão completa quanto possível e o desenvolvimento pessoal, incluindo nos domínios cultural e espiritual. (ONU, 1989, s/p).

Sendo assim, o referido artigo adverte o papel de ser cumprido o mínimo de direitos que uma criança deve ter em relação a questão de saúde e educação. As crianças com alguma deficiência são vinculadas o direito de ter uma educação de qualidade que lhe garante a autonomia de poder alcançar seus objetivos de forma

mais simples possível e fica visível a atuação de órgãos de apoio às instituições escolares para que possa garantir tal direito.

Com base na observação de algumas perguntas realizadas sobre as estratégias pedagógicas que são utilizadas nos atendimentos com os alunos, foi levado em consideração o uso de recursos concretos para o desenvolvimento intelectual.

Fala da educadora sobre a pergunta: Quais ações pedagógicas que você desenvolve com seu público-alvo?

É, tem que ter o concreto, para trabalhar atenção, memória. Memória de trabalho, curto, longo e médio é questão de fazer pedidos, questão da própria escrita, coordenação motora fina ampla. Tentamos favorecer essa criança. Por exemplo, ela não sabe ainda pegar no lápis tem dificuldade motora, o trabalho tem questão, psicomotoras pinturas encaixe, colagem e massinha, tudo que possa favorecer a motricidade plena dela. (Educadora)

Os jogos, segundo a entrevistada tem como fundamento auxiliar as habilidades da aprendizagem cognitiva e emocional, ela retrata que os jogos são utilizados de acordo com a necessidade apresentada. Segundo Piaget (1998), a aprendizagem ocorre a partir da interação, onde o sujeito troca relações de contato com o objeto, fazendo-se receptor e ao mesmo tempo sendo mediador na troca de conhecimento. Rosa Neto (1992) ressalta que, o caminho da aprendizagem se deve iniciar a partir do concreto para o abstrato, pois acredita-se que a assimilação seja compreendida de forma mais clara. Sendo assim, tais práticas fazem com que a aprendizagem se torne mais flexível.

Outro foco da aprendizagem é a coordenação motora, a educadora deixa claro que são usadas técnicas que ajudam o desempenho psicomotor dos alunos, para tal progresso se faz necessário os exercícios de repetição e de concentração. Pesquisadores da psicomotricidade como: Fonseca (2008) e Le Boulch (1982) ressaltam que a psicomotricidade tem relações interdisciplinar com o psiquismo e a motricidade, além, de ser considerada como uma formação indispensável na aprendizagem da criança. Nesse sentido, fica claro que as habilidades motoras são essenciais para o progresso do sujeito, pois, o alcance de determinadas metas só é alcançado se seguirmos etapas.

A faixa etária de idade segundo a educadora é de três anos de idade a partir da identificação feita pela pedagoga escolar, essa criança é direcionada para o centro,

sendo avaliada e dependendo da avaliação é iniciado os atendimentos, durante essa fase as estratégias de ensino são relacionadas a observação dos seus movimentos e comportamento emocional e social com outros sujeitos.

Fala da educadora sobre a pergunta: Qual a faixa etária e o grau de escolaridade?

Normalmente são criança do infantil é de dois, três, quatro, cinco anos ai vem crianças de terceiro, quarto, quinto ano, nono ano, oitavo ano que não foram assim alfabetizadas devido a ter dificuldades Ou transtornos, que estão sendo assim encaminhado, tem investigação aí pra poder descobrir se é um atraso mesmo ou é só uma dificuldade ou se é algum transtorno, que tá impedindo a barreira que eles tem que aprender.(Educadora)

Wallon (1925), aponta que a as emoções e o comportamento, são peças fundamentais para o desenvolvimento e aquisição de conhecimentos intelectuais e afetivos, ele relata que a relação desses fundamentos são a base para influenciar o progresso do desenvolvimento motor e mental do sujeito.

O movimento não é puramente um deslocamento no espaço, nem uma simples contração muscular, e sim, um significado de relação afetiva com o mundo, assim, para o autor, o movimento é a única expressão e o primeiro instrumento do psiquismo. Neste contexto, pode-se dizer que o desenvolvimento motor é precursor de todas as demais áreas. (WALLON,1995, p. 01).

Uma das perguntas feitas foi direcionada para o olhar profissional da pedagoga com os profissionais do ensino regular:

A fala da educadora sobre a pergunta: Quais recomendações você daria para melhorar o processo de inclusão na escola regular?

A questão assim é a recomendação que a gente sempre fala assim é tentar olhar o a criança como ser humano. Independente se ele tem dificuldade ou transtorno. Vai ter momento que ele vai pra sala e muitas vezes ele quer uma escuta, ele quer um carinho, eu tenho que ter também saber o qual limite da minha criança o que, ele sabe? o que eu posso fazer por ele? assim ele está no terceiro ano mas já sabe ler? Então, eu vou passar o conteúdo do terceiro ano do jeito igual pra todos, digamos que os demais já estão sabendo o conteúdo, não! Eu vou ter que olhar pra crianças e vê o que ele sabe fazer e vou adaptar. Faço alguma adaptação tanto na atividade impressa como utilizar jogos, e se ele não fica o período todo na escola, no caso de uma criança com autismo ou TDH moderado a grave que não fique o período das quatro horas. Ele fique de sete a nove horas ou de nove às onze. Porque muitas vezes ele não gosta do barulho que incomoda, vinte e cinco, trinta alunos, até o próprio professor em si ele tem de ser maleável, porque aqui eu controlo as crises as vezes não quer fazer a atividade, eu tenho que usar o reforço, eu tenho que usar a brincadeira, faz isso para ganhar isso. Aqui eu tenho um controle, mas uma sala de aula, eu tenho que me colocar no lugar do professor. Tem que se adaptar, tem que usar jogos, tem que ser o ideal, tem que ter um parquinho, tem que ter muita coisa concreta, assim é difícil a

realidade é diferente. Assim, a teoria vai com a prática, mas tem coisas que eu preciso de ter recursos, precisa de gente que tenha apoio e tenha conhecimento. Por exemplo, coloca um cuidador na sala de aula com a criança, que não tem noção basicamente de nada, aí só leva ao banheiro ajudar a preparar pra botar a comida. Isso aqui é o básico, tem que ser uma pessoa que tenha noções de transtorno de conhecimento, de comportamental. Eu entendo aquela criança, chegou aqui hoje como, é? O que aconteceu em casa? Ela está agressiva, pra ela morder, pra ela se bater, é? Que ela não conseguiu socializar com o outro? Tem é muita coisa. Assim, a orientação pra é muita coisa. Assim a orientação pra pro professor tenta entender a criança e ver como que ele pode e consegue fazer. Se ele hoje conseguiu traçar a letra A, tudo bem. Vamos pra letra B. Assim, um de cada vez, e tentar adaptar o que for possível que ele tiver acesso na escola poder utilizar, reciclável, eu mesmo faço muita coisa. Com tampinha, com papelão, pra tentar saber os gosto da criança e ver se ele gosta de massinha. Então, eu proponho uma atividade porque não quer massinha, se ele gosta de uma balinha de morango, ele faz, uma balinha, um biscoitinho. Precisando de criança com transtornos, eles requerem muita atenção e essa questão gosta dê quê? Eu tenho que saber qual é a preferência dele. Gosto de carro, gosto de bola. Pronto, uma bola ali. Eu uso uma criança que ela gosta muito de quicar. Vamos quicar tirando a bola aí. Brinca um pouquinho pra fazer a atividade vai lá chuta a bola. Aí voltamos pra cadeira, depois voltamos de novo e vai é vai e vem. E repetição. Fez hoje A, quando for amanhã e não sabe, você vai fazer lembrar do novo. Repetir, repetir, repetir até passar para o outro passo. (Educadora)

Segundo a educadora, os docentes precisam ser mais sensíveis ao olhar pedagógico com a sua turma, tentar compreender o outro é essencial para combater as barreiras que são recorrentes no ensino. Como retrata Eliane Di Sarmo (2020):

Aí que entra a empatia, que consiste na habilidade de perceber o outro, muitas vezes, sem que ele precise dizer algo acerca de sua situação emocional ou afetiva. A empatia significa colocar-se no lugar do outro, sentir suas emoções. (s/p)

Outro pergunta feita foi sobre o que ela achava dos professores ter uma formação em cursos que tratem da educação especial, além da graduação?

Fala da educadora sobre a pergunta: Para você, seria importante os professores ter uma formação em cursos que tratem da educação especial, além da graduação?

Na minha visão todo professor tem que ter conhecimento básicos nas deficiências no geral são muitas e ninguém vai marcar, mas assim, se na minha sala eu tenho criança com autismo, com transtorno de déficit de atenção e por TDH com disgrafia, discalculia eu como professora identifico ou se eu já tenho algum laudo de algum profissional algum neuro eu tentar essa criança o laudo tem isso, e isso nem todo laudo vai ser tudo que está lá, que até o médico muitas vezes coloca várias é transtorno, várias deficiências e às vezes a criança não tem aquilo tudo. Eu como professora que tem alguma noção do conhecimento, eu como psicopedagoga eu vou lá, leio o laudo pra ter uma noção do que ele tem e vou trabalhar em cima daquilo. E quais são as estratégias de autismo? Eu tenho que saber. E cada um é

diferente uma da outra. TDAH, como é que ele aprende? Qual a melhor forma de que ele assimila o autista normalmente ele é visual trabalha-se muito com prancha aí tem o não verbal que eu vou ter que trabalhar com fichas com rotina né? Pra evitar visualizando hoje eu entrou na escola atividade, lanche, é brincadeira, saída. Ele sabe que está entrando, vai ter isso, vai ter isso, vai ter aquilo, eu tenho uma rotina, que muitas vezes se quebrar aquela rotina e ele vai se desorganizar, aí assim tem que saber noções, procurar saber. Porque hoje em dia assim, ah, porque não oferece. Ah, porque se isso outro, pra mim, assim, eu sei que deveria ter mais participação do dos municípios no estado ou federal também. E em ter informações específicas nessas áreas de transtorno não é só mensalmente digamos, mas assim, eu como profissional, eu como professor eu tenho que buscar também eu não posso ficar esperando colocando a culpa só digamos assim ah no outro no outro, mas eu naquele lugar e se eu sei fazer alguma coisa pela aquela criança eu tenho o que fazer eu não posso deixar de buscar aconselhar a mamãe essa mãe não tem, olha tem tal lugar setor que é responsável por isso aqui você vai lá no CRAS, tem também o CREAS, tem APAE, tem a escola de surdos que aqui também tem! Se eu tenho conhecimento aqui, é o ambiente escolar, mas tem um outro espaço que pode ajudar o seu filho a se desenvolver. Assim, eu acho que assim, a barreira pior que existe é atitudinal, é o profissional é que as vezes não, eu não consigo é da criança mesmo, ele não vai aprender e aceitar. Aí eu dou uma folha e ele fica a manhã todinha só rabiscando. Eu fiz o que por essa criança? Aí chega o final do ano, não aprendeu nada, mas eu fiz o quê? Qual foi a sensibilidade que eu ofereci há essa criança quando ela senta lá atrás sozinha? Porque não pega ele mais pra frente, da mais atenção, não é fácil, mais assim, eu tenho que tentar, pra mim, assim, o conhecimento tem que buscar. Tem que buscar o conhecimento e se tem um curso que é de graça. Pronto. A internet tem muita coisa, muito vídeo. Oxe! Hoje em dia eu tenho em mãos. Ah mas pra ficar digamos de coisas aleatórias todo mundo vê, mas vídeo sobre autismo, sobre dislexia em rede sociais tem muito. Você vai atividades adaptadas, você vai lá e encontra tem muita coisa. Atividade eu como profissional mesmo invisto em mim, eu faço cursos, eu estou na quarta pós, é porque eu quero que meu aluno fique na minha sala e tenha prazer em estar ali, eu compro alguns cursos já vi material, por exemplo, também eu faço brinquedos. Se eu não tenho pra comprar eu faço, é minha profissão. (Educadora)

Portanto, é necessário que os profissionais procurem se aperfeiçoar em seus estudos para que possa alcançar conhecimento em metodologias significantes que possa transformar o ensino, pois os docentes são pesquisadores que estão em constante aprendizagem, e conhecer a realidade do outro é uma forma de elevar a qualidade de ensino e propor uma educação viável e inclusivo.

O centro também tem um papel importante em relação ao apoio familiar, em alguns momentos na fala da educadora ela ressaltou essa importância.

Fala da educadora sobre a pergunta: Qual o papel da família no centro?

A família também tem a sua participação, as vezes é desestruturada, manter rotina, uso de muita tela, muito celular, TV hora pra dormir. Muitas crianças ainda não tem acesso a medicação adequada, não tem acesso a uma avaliação do neuro, aí fica assim o apoio faltando algo porque assim, pra criança com deficiência tem que ser uma equipe. Neuro, psicólogo, assistente social tem que ser um conjunto. Aí aqui a gente dá uma pincelada. Mesmo assim você, como profissional queria poder fazer mais. Mas não depende só

do profissional. Tem a barreira, tem as barreiras na escola, tem a barreira da família, tem a nossa própria barreira também como pessoa que ninguém é perfeito, ninguém sabe de tudo, mas assim, o que se pode ser feito aqui a gente tenta fazer. Principalmente na questão do acolhimento, quando chegou uma mãe desesperada, e muita mãe, as vezes da até vontade de chorar também aquele sofrimento assim, de depressão, de choro. Ah não aguento mais ser criança, ainda tem os casos das crianças que se mutila, que se cortam e de suicídio também que acabam indo para o psicólogo passa por uma sessão de vinte minutos pra alguns e pra dar um apoio a essa mãe essa criança. Mas assim a questão das deficiências é uma questão assim, muito seria que deveria ser levado a assim, da questão pública, porque é muito difícil pra família e muitos assim, às vezes é avó que toma conta. (Educadora)

Foi ressaltado a importância do centro em disponibilizar profissionais que atenda de forma gratuita, as famílias que não têm condições de arcar com os custos além, do centro disponibilizar o atendimento para a família. Pois, como é defendido por Rousseau (aupd CERIZARA, 1990), que para educar é necessário identificar as duas dimensões que envolve a desigualdade humana a natural ou física pois, uma está relacionada as diferenças nas características, e a moral ou política consistem em distinções de privilégios que os homens possuem entre si, causando assim, esse desequilíbrio estrutural. Sendo assim, é necessário entender que o papel da família é fundamental na troca de relações, pois a familiar é o primeiro pilar para a formação dos valores como cidadão, sendo uma peça essencial na construção daquele sujeito.

Uma das perguntas feita a educadora foi sobre a reação dos pais ao saber do diagnostico, como eles reagem.

Fala da educadora sobre a pergunta: Qual é a reação dos pais ao receber o diagnostico, como eles reagem?

Eles aceitam, algumas mães não aceitam. Mas a maioria é realmente buscando ajuda e apoio. Se sentem bem quando vem pra cá. Quando não vem já te falta. Alguns pergunta porque amanhã não vai haver quando ocorre algum evento, ai explicamos porque haverá uma comemoração com as mães. Assim já tem mãe que fica com falta daquela rotina, porque elas também já fazem parte do centro, é um momento pra elas também, mais um espacinho pra acolhimento e dar o apoio que se é possível de se diante das condições que a gente tem, é assim o município é eu estudo em Campinas também faço uma pós e eu vejo o relato de muitas pessoas com os municípios menores ou do mesmo tamanho de Aroeiras que não tem um centro de inclusão, que não tem sala de AEE assim, eu sei que deveria ser melhor assim, que as crianças merecem muito mais do que isso aqui que já graças a Deus já é muito, pra diante das dificuldades que se tem na inclusão. Mas assim é um trabalho, eu me sinto gratificante. Pra mim é satisfatório. Eu o que eu faço eu olhar o sorriso pra mim é tudo. E aí tem essa questão da entrega da inclusão da escola não é só eu colocar o aluno lá dentro, pegar incluir, eu dar acessibilidade. Como eu falei aqui atividades, apoio, apoio pedagógico, apoio de pessoal. Assim, é um caminho que está aí, bem devagarinho. Mas assim, se cada um fizer sua parte como o beija-flor eu creio que vai haver mudança. Não se calando propor a informação, procurar ajuda que vá conseguindo.

Uma equipe ajuda a outra, aqui mesmo né psicóloga com o mesmo paciente, como é o comportamento dele, ai? como é que ele está aqui ? ter aquela troca pra poder caminhar. (Educadora)

Podemos perceber que na maioria dos casos existe uma negação sobre aquele diagnóstico, alguns não aceitam que seu filho tem alguma deficiência ou transtorno e fica compreendido que é normal essa negação, entretanto é necessário salientar aos pais o fato de além de serem pessoas que necessitam de cuidados especiais, essas crianças são seres com desejos, e sonhos como qualquer outra criança. Então, fica claro que é responsabilidade dos profissionais orientar a família sobre não olhar para seu filho como alguém vulnerável que possui um problema, mas se atentar e entender que aquele sujeito é uma criança em processo de construção de identidade e a família é a base para um crescimento saudável e sem discriminação, como diz Buscaglia (2006):

A família saudável assume um papel a mais, o de apoio, compreensão e aceitação. É o ambiente que se mantém de certa forma constante — mesmo quando todas as coisas parecem estar em contínua mudança. E assim será à medida que a criança caminha para a idade adulta. (s/p)

O centro atualmente desde de 2021 segundo a gestora, o qual possui uma media de 240 atendidos.

Fala da gestora sobre a pergunta: Ano de fundação, e quantos alunos cadastrados?

O centro foi inaugurado em dezembro de 2021. Atualmente a gente está atendendo aproximadamente 240 crianças, o prédio é alugado então, não é nosso, mas a secretaria da educação já está correndo atras, já tem um local para a construção da sede, pra que a gente possa abranger, porque no momento a gente não pode. Não tem como atender mais do que essa quantidade de crianças, nós não temos sala suficiente por ser uma casa alugada não tem como fazer reformar. (Gestora)

O centro está relacionado aos atendimentos direcionados às crianças e adolescentes da rede pública que possuem alguma limitação na aprendizagem e que têm alguma deficiência intelectual.

Fala da Gestora sobre a pergunta: Público-alvo e as ações desenvolvidas no CEI e qual a meta do CEI?

Crianças e adolescentes que tem algum tipo de atraso na aprendizagem chegando aqui passa pela a avaliação, essa avaliação as meninas dão um parecer, se é autismo, se é TDAH ou se é apenas déficit de atenção ou aprendizagem. Então, encaminhamos para o neuro pois só ele é quem pode

dar esse laudo. A partir daí entra as intervenções, se precisa de pedagogo, se precisa de fisioterapia de fono. vamos encaixando conforme vai surgindo a vaga e dependendo do que aquela criança ou adolescente precisa. No momento a gente só atende crianças matriculadas ou vinculadas a rede municipal de ensino, porém, se na saúde não tiver o serviço que a criança precisa, vamos dizer que a criança é da rede particular, mas na saúde tem fono, na saúde tem psicólogo. Então, essa criança é encaminhada pra saúde mas não tem psicopedagogo, aí a saúde encaminha pra gente aqui, mas o foco são as crianças da rede municipal pela a questão financeira, que a gente sabe que é difícil essa intervenções são caras. Quem encaminha essas crianças são as escolas, os pais as vezes vê que tem algo que precisa ser avaliado, chega aqui a gente marca a avaliação ou o conselho tutelar também encaminha o CREAS, o CRAS. Então assim, qualquer órgão do município a saúde o CAPS encaminha pra cá, a partir daí a gente começa fazendo as avaliações e as intervenções. (Gestora)

O seu objetivo é abordar famílias que vivem em uma situação delicada onde a família não possui uma renda capital para manter uma condição de atendimento à criança. Além das escolas do município o centro faz parceria com os órgãos de apoio que são: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) , Associação de pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e a escola de Surdos, esses órgãos atuam de forma interdisciplinar com a instituição, para a educadora e a gestora essa parceria tem a importância de realizar uma aprendizagem cognitiva e afetiva aonde a família se faz presente e a todo momento compartilha e observar a evolução da criança.

5 CONCLUSÃO

As ações pedagógicas individualizadas ou direcionadas a pequenos grupos de trabalho são de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e psicomotor da criança e jovens com deficiência, transtornos ou distúrbios de aprendizagem. Assim, os trabalhos pedagógicos desenvolvidos no CEI contribuem com a autonomia das referidas crianças e jovens. Percebemos que o Centro de Especialização e Inclusão vem sendo uma ponte que tem auxiliado a política de educação inclusiva do município de Aroeiras, Paraíba. Esse centro educacional desenvolve um ensino de qualidade que busca alcançar as famílias carentes, propondo um apoio com atendimento de qualidade.

As ações do CEI são realizadas através de toda uma equipe, que além das pedagogas, o centro possui outras profissionais que fazem parte da área da saúde, como também, da justiça que estão proporcionando um apoio institucional.

O material concreto foi observado como um recurso de grande importância, pois auxilia no desenvolvimento psicomotor, além de trabalhar a concentração do sujeito, outro ponto ressaltado é o envolvimento de contação de histórias que segue uma ordem, essas contações influenciam o desenvolvimento da oralidade das crianças no processo de aprendizagem.

A participação da família foi analisada como uma peça fundamental para a desenvoltura do desenvolvimento das crianças com deficiência intelectual ou transtorno de aprendizagem, o apoio familiar diante a fala das profissionais, têm o poder de quebrar as barreiras de negação, de insegurança e medo que muitas das vezes está impedindo o desenvolvimento.

Portanto, é possível perceber que o centro em questão de estrutura ainda necessita de condições para ser uma instituição com estabilidade para suportar e atender a todos, dando um atendimento mais completo e com capacidade de receber mais crianças e adolescentes, no entanto, o centro desenvolve um trabalho de qualidade diante ao seu contexto, com profissionais capacitados que têm domínio na área e que estão desenvolvendo um trabalho digno, que está beneficiando a cidade de Aroeiras, Paraíba.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO Flávia L.G. Marçal Pantoja de; MAUÉS, Antônio Gomes Moreira. O direito humano à educação. In: ARAÚJO, Flávia L.G. Marçal Pantoja de (Org.) Direito Humano à educação na Amazônia: uma questão de justiça. Belém-Pará: Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, 2013.
- BRASIL. CNE. CEB. Resolução n. 4, de 2 de outubro de 2009, que institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial. Brasil.
- BUSCAGLIA, L., Os deficientes e seus pais: Um desafio ao aconselhamento. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1991. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei n. 5.296, de 11 de Agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1971.
- _____. Resolução CNE/CP n. 1, de 15/05/2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília: CERIZARA, A. B.. Rousseau: a educação na Infância. São Paulo: Scipione, 1990.
- DI SARNO. Elaine. Empatia: palavra de ordem para 2021. Disponível em: <https://topview.com.br/self/artigo-empatia-palavra-de-ordem-para-2021/>. Acesso em 02 jul. 2021.
- DUSSEL, Enrique. Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis-RJ. Vozes, 2000CNE/CP, mai./2006.
- FONSECA, Vitor da. Psicomotricidade. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia dos sonhos possíveis. São Paulo: UNESP, 2001.
- GIOVANNI, L. M; MONTEIRO, D. C. Formação continuada de professores: o desafio metodológico. In: MARIN, A. J. (Org.). Educação continuada. Campinas: Papirus, 2000. p. 129-143. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).
- KASSAR, Mônica. Ciência e senso comum no cotidiano das classes sociais. Campinas: Papirus, 1995.
- LE BOULCH, J. O desenvolvimento Psicomotor do Nascimento até os seis anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- LEONTIEV, A. N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LÚRIA, A.R. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Lúria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MAY, T. Pesquisa social. Questões, métodos e processos. 2001. Porto Alegre, Artemed.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MAZZOTTA, Marcos. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Saberes, imaginários e representações na Educação Especial: a problemática 51 ética da “diferença” e da exclusão social. 2e. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, A. A. S.; LEITE, L. P. Escola inclusiva e as necessidades educacionais especiais. In: MANZINI, E. J. Educação especial: temas atuais. Marília, SP: Unesp: Marília Publicações, 2000, p. 11-20.

PIAGET, J. Seis Estados de Psicologia. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1993.

ROSA NETO, E. Didática da matemática. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos da defectologia. In: Obras escogidas. Tomo V. Madri: Visor, 1997.

APÊNDICE - Entrevista

Questionário da Entrevista

1.1 Identificação

1.2 Grau de escolaridade?

1.3 Pós-graduação?

1.4 Há quanto tempo trabalha no centro?

1.5 Há quanto tempo leciona com crianças com deficiência?

2 Parte: Dados sobre o trabalho pedagógico no CEI

2.1 Qual o perfil clínico desses alunos?

2.2 Qual a faixa etária e o grau de escolaridade?

2.3 As crianças que você atende estão na escola?

2.4 Quais ações pedagógicas que você desenvolve com seu público-alvo?

2.5 Quais recomendações você daria para melhorar o processo de inclusão na escolar regular?

2.6 Para você, seria importante os professores ter uma formação em cursos que tratem da educação especial, além da graduação?

2.7 Qual o papel da família no centro?

2.8 Qual é a reação dos pais ao receber o diagnóstico, como eles agem?

3 Parte: Dados sobre o CEI

3.1 Ano de fundação?

3.2 Quantos alunos cadastrados?

3.3 Público-alvo?

3.4 Ações desenvolvidas no CEI?

3.5 Qual a meta do CEI?